



Educação metodista no interior de São Paulo:
movimentos e conexões entre o final do século XIX e o
início do XX

*Methodist education in São Paulo: movements and
connections between the late nineteenth and the early
twentieth century*

SANTOS, Vitor Queiroz*
FONSECA, Sérgio César*
NARITA, Felipe Ziotti*

Resumo: Este artigo investiga a experiência missionária metodista no Brasil, entre o final do século XIX e início do XX, a partir de relatos de missionários envolvidos com as obras educacionais da igreja. A pesquisa é baseada na análise de documentação da missão (cartas, folhetos, relatórios e jornais) e em sua presença no interior da província/estado de São Paulo, abordando a formação de uma rede internacional que, percorrendo as estruturas de comunicação e circulação da modernidade capitalista (difusão da imprensa,

* Graduado em História pela Unesp, Franca – SP. Mestrando em Educação pela USP, Ribeirão Preto – SP. Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Juventude e Educação da USP. E-mail: vitorqsantos@usp.br.

* Professor livre-docente da USP, Ribeirão Preto – SP, pós-doutorado pela UFMG, Belo Horizonte – MG, e doutorado em Educação pela Unesp, Araraquara – SP. Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Juventude e Educação da USP. E-mail: sergiofonseca@usp.br.

* Pós-doutorado pela USP, Ribeirão Preto – SP, doutorado em História pela Unesp, Franca – SP. Pesquisador associado da FAPESP e docente da pós-graduação na Unesp, Franca – SP. Membro do Historiar (CNPq) e do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Juventude e Educação da USP. E-mail: fznarita@usp.br.

Recebido em: 21/04/2019
Aprovado em: 23/05/2019

ferrovias, vapor, telégrafo, etc.), acompanhou a expansão das fronteiras de ocupação socioeconômica da região por meio da construção de projetos de educação e moralização na nascente vida urbana. Nesse sentido, para além de uma análise confinada a recortes regionais, a pesquisa mapeia as conexões transnacionais e os processos de circulação que construíram novos horizontes socioculturais nas fronteiras de ocupação do interior.

Palavras-chave: História do Brasil; Metodismo; História da educação; Modernidade.

Abstract: This article investigates Methodist missionary experience in Brazil in the turn of the twentieth century, based on reports of missionaries involved in church's educational works. The research is based on the analysis of mission's documentation (letters, brochures, reports and newspapers) and its presence in São Paulo's countryside, approaching the formation of an international network that, traversing the structures of communication and circulation of capitalist modernity (dissemination of the press, railways, steam, telegraph, etc.), accompanied the expansion of region's socioeconomic frontiers through the construction of education and moralization projects in the new born urban life. In this sense, beyond an analysis confined to regional cuts, this research maps the transnational connections and the processes of circulation that have built new socio-cultural horizons in the frontiers of countryside's occupation.

Keywords: History of Brazil; Methodism; History of education; Modernity.

Introdução

O trabalho educacional metodista no Brasil foi construído a partir da década de 1870. Com o esforço missionário e o estabelecimento de colégios, os metodistas estadunidenses tornaram o país um campo de difusão do credo fundado por John Wesley a partir de seguidos movimentos de reconhecimento, pregação e assentamento junto às sociedades locais. Ao lado de outras regiões brasileiras, São Paulo concentrou significativas realizações missionárias metodistas na capital e no interior, a partir do último quartel do século XIX (BOAVENTURA, 2001; ALMEIDA, 2003), elaborando novos espaços de atuação.

Contudo, para além da perspectiva confinada a enfoques locais e regionais, o presente texto segue uma rota diferente, privilegiando os nexos transnacionais dos processos em curso. Primeiramente, em função de a presença missionária metodista pelo interior de São Paulo ter sido parte do projeto internacional de expansão das missões que partiram dos Estados Unidos, sobretudo, após a Guerra Civil (1861-1865). Como instituição, aliás, os metodistas não tinham exclusivamente a América do Sul como

destino, mas igualmente outras regiões na Ásia, América Central e África. *Grosso modo*, as missões giravam em torno das pregações nas igrejas, dos contatos com as comunidades locais e das atividades educacionais nas escolas dominicais e nos colégios. A resultante projeção internacional, por sua vez, era parte constituinte da teologia missionária que universalizava a possibilidade da graça, pois, segundo a perspectiva do metodista James Atkins (1896, p. 5), “Deus revelou claramente seu propósito de salvar o mundo pela instrumentalidade da Igreja”. Em segundo lugar, do ponto de vista dos seus fundamentos, o metodismo é um segmento do cristianismo tendente à mobilidade por reivindicar a responsabilidade pela salvação dos povos, ecoando, nesse sentido, a perspectiva do “Destino Manifesto” edificada nos Estados Unidos ao longo século XIX. Os metodistas dinamizavam suas atividades à medida que desenvolviam uma estrutura com alcance internacional, utilizando uma complexa rede de comunicação e gestão para conectar os diferentes campos ocupados ao redor do mundo à igreja-mãe estadunidense. Essas relevantes conexões, ainda pouco exploradas pela historiografia, possibilitam colocar a relação entre a organização missionária internacional e o interior de São Paulo como parte de um processo irradiado a partir dos Estados Unidos e difundido por vários continentes, ocorrendo simultaneamente ao colonialismo europeu e à expansão do capitalismo no século XIX (TATUM, 1960; SLEDGE, 2005; SCOTT, 2016).

Nossa aposta, por isso, reside em analisar o estabelecimento e a circulação das práticas e experiências missionárias, alicerçadas na instituição de escolas, como proposta de moralização social, tendo como pano de fundo as dinâmicas de circulação e o esforço das histórias conectadas (SUBRAHMANYAM, 1997). Não se trata da justaposição de casos empíricos, tampouco de um esforço comparativo entre trajetórias nacionais. As histórias conectadas, antes, permitem uma investigação da dimensão transnacional de processos socioculturais, tendo em vista as dinâmicas de circulação e interconexão de repertórios e práticas (GRUZINSKI, 2015). Essa dinâmica é particularmente importante a partir da segunda metade do século XIX, quando a expansão capitalista contou com uma ampla infraestrutura de circulação de indivíduos, mercadorias e ideias (percorrendo as fibras de cidades portuárias, ferrovias, linhas de vapor, telégrafo, correios e imprensa), acelerando interconexões e construindo novas fronteiras e condições de intercâmbio na produção do terreno social.

No caso brasileiro, por meio dos circuitos de exportação do café (além de outros produtos primários) e da importação de itens de consumo cotidiano e de infraestrutura, a expansão do capital e a formação da vida urbana implicaram, além das novas condições assimétricas de integração ao capitalismo internacional (FRANCO, 1997; MARTINS, 2013), a estruturação de novos complexos socioculturais (valores morais, comportamentos,

etc.) (NARITA, 2017b) a partir de processos de circulação urdidos pela esfera pública nos jornais, exposições, feiras, escolas e tipografias. A província de São Paulo, pelo fato de haver concentrado a maior parte da produção cafeeira nacional, bem como por possuir longas áreas agricultáveis abertas à exploração e disponíveis para a especulação imobiliária e formação de estruturas fundiárias, configurava-se no século XIX como uma região em movimento, cujas fronteiras mudavam de posição à medida que a franja da ocupação do território avançava rumo ao oeste. Some-se a esse processo a transição para o trabalho remunerado, em uma complexa articulação com as formas do sistema escravista (já em declínio no último quartel do século), conjugado com a contínua imigração e com movimentos de população e proletarização na expansão de núcleos urbanos.

Responsáveis pela inauguração de uma nova frente internacional da missão, os metodistas sulistas (da parte derrotada na Guerra Civil), pertencentes à Igreja Metodista Episcopal Sul (IMES), fundada após a cisão da Igreja Metodista Episcopal em 1844, chegaram a São Paulo em 1876 (SLEDGE, 2005). Uma vez estruturado seu núcleo de povoamento na província – cujo contingente era composto por imigrantes sulistas, secessionistas e ex-confederados –, os missionários dirigiram-se para as atuais cidades de Piracicaba, Santa Bárbara D’Oeste e Americana, onde se fixaram a maioria dos imigrados (DAWSEY et al, 2005). A partir de então, os metodistas não se estabeleceram somente na região dessas três cidades, porquanto promoveram, sustentados pela teologia missionária, uma verdadeira marcha em direção às novas zonas de povoamento do interior paulista ao longo do final do século XIX e início do XX, cujo resultado materializou-se, entre outras realizações, em igrejas e colégios fundados em cidades como Ribeirão Preto, Birigui e Lins (ALMEIDA, 2003).

O conteúdo de diversos textos da Comissão Geral dos Arquivos e História da Igreja Metodista Unida dos Estados Unidos permite notar que o interior paulista era percebido pelos missionários como a “fronteira da maior plantação de café do mundo” (LAMBUTH, 1912, p. 97). Nesse sentido, Pierre Monbeig (1984) sustenta que a província de São Paulo vivenciou um complexo processo de ocupação territorial no final do século XIX, entendido a partir da noção de franja pioneira, isto é, uma progressão irregular em direção ao interior com vistas à instalação humana em função da exploração de zonas pouco ou nada ocupadas para fins da agricultura do café e também de atividades econômicas adjacentes, ou seja, subsidiárias do substrato socioeconômico gerado pela cafeicultura.

A fronteira, percebida pelos missionários metodistas, relaciona-se ao conjunto de transformações promovidas a partir da franja de produção cafeeira – no limite, elas

dizem respeito à modernização da região, com o desenvolvimento da vida urbana e das ferrovias. A aceleração das transformações no último quartel do oitocentos e a presença de uma missão internacional nos espaços das nascentes cidades do interior paulista, então, indicam o problema da fronteira como espaço privilegiado de conexões e circulação transnacional de repertórios culturais. Por isso, a fronteira não é simplesmente um limite físico. Trata-se, sobretudo, de uma configuração sociológica que, possibilitada pelo desenvolvimento da infraestrutura capitalista, imprimiu condições históricas e materiais singulares para a análise dos fenômenos de circulação cultural na gênese da modernidade (compreendendo a intensificação da circulação propiciada pela modernização do substrato socioeconômico incorporado nas formas da vida urbana, na esfera pública e na técnica). O processo, aliás, permitiu o deslocamento e o enraizamento de ideias paralelamente à configuração de novas franjas de ocupação socioeconômica.

A percepção das transformações em curso estimulou a intenção de que “o oeste de São Paulo” deveria ser “ocupado pela nossa Igreja sem mais demora” (KENNEDY, 1928, p. 81). Em carta enviada aos Estados Unidos pelo clérigo Michael Dickie, publicada no quadragésimo nono relatório anual do Conselho de Missões da IMES, o autor afirma que:

Há uma maré de migração em direção à parte ocidental próspera e crescente do Estado. Temos desejo em segui-la, muitos de nossos membros tentaram, mas o caminho não estava claro. Assim que o irmão Kennedy foi liberado do trabalho escolar, decidimos ocupar esse campo de uma vez, e assim ele foi como nosso missionário pioneiro no Oeste de São Paulo. Isso, em minha opinião, é o movimento mais esperançoso que fizemos há muito tempo e olho com confiança para os possíveis resultados (DICKIE, 1895, p. 58).

Uma vez imersos no fluxo da franja pioneira – e conscientes disso –, em março de 1896 os missionários fundaram a Igreja Metodista em Ribeirão Preto. A missionária Leonora Smith, retornando no mesmo ano ao Brasil após um período de estudos nos Estados Unidos, relata ter observado “muito melhoramento e progresso”, destacando que “Igreja Methodista não falhara em acompanhar este movimento”, proporcionando “a maravilhosa aceitação do Evangelho pelo povo no oeste” (MERIWETHER, s/d, p. 2). Smith fundou, em setembro de 1899, o Colégio Metodista em Ribeirão Preto. À medida que a fronteira da ocupação passava adiante no correr da primeira década do século XX, a franja avançava sobre a região do Planalto Ocidental Paulista. As tensões do processo não passaram despercebidas pelos missionários. A cidade de Birigui, onde em 1915 e 1918, respectivamente, os metodistas fundaram também a igreja e o colégio, é descrita como

“uma cidade da seção noroeste do Estado de São Paulo, muito próxima da fronteira, que apenas alguns anos atrás sofreu com um massacre indígena” (STEPHENS, 1924, p. 28).

Quadro 1. Interiorização metodista em São Paulo.

	Fundação	Ferrovia	Igreja Metodista	Colégio Metodista
Piracicaba	1767	1877	1871	1879
Ribeirão Preto	1854	1883	1896	1899
Birigui	1908	1912	1915	1918

Fonte: Elaborada pelos autores deste artigo.

O “processo de interiorização, portanto, é composto internamente por interiorizações, como as da população, da cafeicultura, dos profissionais liberais, dos empreendedores, das relações econômicas com o exterior” (FONSECA, 2012, p. 87) e, acrescente-se, do protestantismo de missão.¹ Em outras palavras, estamos diante da imersão missionária projetada deliberadamente para seguir a interiorização em curso na província, convertida em Estado-membro a partir da instauração da República. Essa sobreposição de movimentos conectou o interior de São Paulo ao complexo aparato missionário de alcance internacional, no seio do processo de expansão do cristianismo protestante na segunda metade do século XIX e, no caso metodista, a expansão da religião caminhava *pari passu* a um projeto de moralização social realizado, entre outras formas, pela via da educação.

Circulação de experiências e exibição moderna

As missões metodistas estadunidenses foram inauguradas em 1819, especialmente destinadas aos indígenas americanos que ocupavam as terras a oeste (SLEDGE, 2005). No plano internacional, ainda nessa época, ocorreram alguns tímidos progressos no tocante às missões internacionais que priorizavam a presença religiosa na Libéria. Quando houve a divisão da igreja, em 1844, os nortistas herdaram o aparato missionário construído até então, de modo que o Sul, em contrapartida, precisou criar sua estrutura própria, só formalizada em 1846, seguindo em larga medida o modelo da organização prévia, escolhendo destinos, em geral, não ocupados pelos metodistas do Norte. No

¹ Seguindo Antônio Gouvêa Mendonça e Prócoro Velasques Filho (1990), entendemos o protestantismo de missão como aquele cujas origens remontam aos movimentos reformistas europeus do século XVI e foi organizado a partir da igreja missionária nos Estados Unidos no século XIX. As ligações hierárquicas institucionais constituem um dos fundamentos sobre os quais se desenvolveu esse tipo de denominação religiosa.

interregno entre o nascimento da IMES e a Guerra Civil Americana, as missões sulistas se dedicaram internamente aos escravos, aos imigrantes alemães, aos indígenas do Meio-Oeste e, no exterior, à China (SLEDGE, 2005).

Nos anos seguintes à Guerra Civil, os metodistas do Norte e os do Sul mantiveram a divisão da igreja no país (SWEET, 1914). A partir de então, a IMES – no final dos anos 1860 e ao longo da década seguinte – reconstruiu seu aparato missionário, liquidando as dívidas herdadas do conflito e articulando sua paulatina profissionalização (SLEDGE, 2005). Essa reorganização orientou movimentos internos a fim de estruturar os trabalhos de conversão de indígenas, de população de língua espanhola (inclusive penetrando em territórios mexicanos e cubanos), de afro-americanos e de imigrantes europeus. Para além das fronteiras estadunidenses, as missões sulistas buscaram a China, o Japão e a Coreia (TATUM, 1960).

Durante esse ciclo missionário reativado, a IMES enviou a São Paulo, em 1876, o reverendo John J. Ransom para se somar aos seus compatriotas no interior da comunidade criada por imigrantes estadunidenses na região das atuais cidades de Piracicaba, Santa Bárbara D'Oeste e Americana. De início, enquanto se aclimatava, apesar dos seus esforços a fim de aprender português, as pregações de Ransom aconteciam em inglês, pois estava ladeado por outros estadunidenses na congregação criada na região por Junius Newman. Nessa mesma comunidade na qual Ransom iniciou o serviço missionário, a filha do reverendo Newman, Annie Newman, cuidou da criação de um colégio em Piracicaba, em junho de 1879 – em 25 de dezembro do mesmo ano, Annie Newman e o reverendo Ransom contraíram matrimônio. No entanto, o ânimo da primeira iniciativa escolar metodista no Brasil arrefeceu devido ao precoce falecimento de Annie Newman, vitimada pela febre amarela em julho de 1880. O desalento fez com que Ransom retornasse aos Estados Unidos (DAWSEY, 2005). Sua volta ao Brasil, em 1881, se deu em companhia de outros pregadores, dentre os quais estavam James L. Kennedy e Martha Hite Watts – primeira mulher enviada pela Sociedade Missionária Estrangeira da Mulher (SMEM) cuja missão se vinculava à reabertura do colégio fundado por Annie Newman (KENNEDY, 1928).²

Pouco tempo depois de chegar ao Brasil, seguindo a prática comum da atividade missionária – verdadeiro compromisso contratual dos missionários da IMES –, Martha Watts passou a informar sobre o novo campo de trabalho numa carta de 24 de setembro

² A atuação feminina no campo das escolas metodistas foi bastante significativa, indicando transformações importantes em uma sociedade que, embora contasse com autoras e professoras desde a segunda metade do século XIX, concentrava em figuras masculinas a estima e os critérios de maior visibilidade na representação pública. A respeito dessas transformações socioculturais vinculadas à ação metodista, recomendamos os estudos de Vasni Almeida (2016) e César Romero Amaral e Thais Gonsales Soares (2016).

de 1881, na qual descreve o local de sua estadia como posicionado a “23º do Equador” e “apenas um pouco a noroeste de São Paulo, onde passa o trópico de Capricórnio” (MESQUITA, 2001, p. 31). Nas cartas desse gênero, a narrativa de Watts sublinhava os detalhes, relatando, por exemplo, o potencial hídrico dos rios em torno de Piracicaba, seu clima, altitude em relação ao nível do mar e épocas de chuva. Além disso, ela se preocupava em reportar o número de habitantes da cidade, o tipo de comércio praticado nas localidades, a economia do café, a organização política, a urbanização e as práticas religiosas com as quais se deparou. Não bastasse o ensaio de exploração geográfica, Watts descrevia Piracicaba como uma das mais belas cidades do interior, apesar de estar longe do que havia imaginado, visto que a sua descrição não escondia a estranheza causada pelo descompasso entre o que ela havia imaginado e o que experimentou de fato. Por outro lado, ainda que sob o efeito dessa primeira impressão, era imperativo para Watts, tal como para todo missionário, produzir um relato capaz de reconstituir em palavras uma imagem da região para as missionárias que viessem a campo, a fim de melhor prepará-las e, com isso, aclimatá-las às condições sociais e culturais brasileiras.

Após a “nomeação junto à missão brasileira” (MESQUITA, 2001, p. 17) e sua organização para receber dezoito alunos na reabertura do colégio em Piracicaba em 1881, sua expectativa foi frustrada, pois houve apenas uma aluna matriculada. Diante da decepção, ela avisou em seu primeiro relatório:

Nossa fé se mantém e estamos avançando em nossos preparativos para o futuro, com a certeza de que deveremos ter trabalho suficiente após algum tempo. Eu li em “*Heathen Woman’s Friend*” sobre Miss Wilson, na Índia, que esperou seis meses até receber o primeiro aluno, e tomei coragem e me empenhei para trabalhar outra vez para o Senhor (MESQUITA, 2001, p. 36).

O jornal mencionado, *Heathen Woman’s Friend*, era impresso em Boston pela Sociedade Missionária Estrangeira de Mulheres das metodistas do Norte. Esse era um dos vários periódicos editados pela imprensa metodista e que circulava as notícias dos trabalhos missionários em curso pelo mundo, fazendo com que textos sobre o cotidiano de uma escola na Índia, por exemplo, informassem missionários no interior de São Paulo, proporcionando orientação e estímulo, inclusive, a uma missionária natural do Kentucky atuante em Piracicaba. Watts, por sua vez, teve seu relatório publicado no *Woman’s Missionary Advocate*, jornal impresso entre 1880 e 1910 pela IMES em Nashville (SLEDGE, 2005). Como produtora de informação, Watts fazia do interior de São Paulo um destino necessário e fecundo para o trabalho das missionárias destinadas pela SMEM:

Também adoro dizer a vocês que meu sucesso vem do Senhor, esperando tocar algumas das moças cristãs aí para se dedicarem ao trabalho do Mestre neste campo. (...) Agora, Ele não apenas abriu as portas do Brasil, como também entrou no Brasil e vocês podem seguir com a segurança de que Ele encherá suas mãos com trabalho se vocês se abrirem para Ele; e mais do que isso, Ele pagará seus serviços no final do dia. Se vocês não se sentem preparadas, então procurem se preparar; vocês possuem excelentes oportunidades nos Estados Unidos para se preparar para serem úteis (MESQUITA, 2001, p. 62).

As conexões articuladas pela imprensa metodista contribuíam, igualmente, para os trabalhos nas escolas. Watts sugeria, em 1884, que as missionárias leitoras do *Woman's Missionary Advocate* deveriam trocar “ideias sobre as maneiras de iluminarmos corações e mentes obscurecidos”, pois os “professores vêm de longe e vão a associações e convenções, mas, como não podemos fazer isso, devemos trocar ideias por carta” (MESQUITA, 2001, p. 74). Numa época de franca difusão do impresso e da ampliação dos sistemas de correspondência, como era a segunda metade do século XIX, Watts pretendia conseguir um lugar no circuito metodista de circulação de impressos, afinal:

Muitos números agradáveis do jornal foram enviados pelas senhoras desde a última vez que escrevi, me deixando renovada com as notícias de casa e do exterior. Ao achar-lo tão interessante *sem* as minhas cartas, fico tentada em deixar outros escreverem no meu lugar se não fosse verdade que, apesar do jornal não precisar que eu escreva suas colunas, preciso disso para me manter, juntamente com a escola, na memória dos leitores; pois me esquecer seria não orar por mim, e isso só de pensar não poderia suportar. (MESQUITA, 2001, p. 59-60).

A atuação como agente da SMEM no Brasil proporcionou a Watts certa notoriedade, de sorte que o jornal *O Paiz* publicou, por conta de seu falecimento em 1910, uma breve nota destacando que a “ilustrada missionaria norte-americana” havia sido importante pelo “trabalho para implantar a fé de Deus nos corações de seus discípulos, ao mesmo tempo que implantava no cérebro a instrução” (*O Paiz*, 1910, p. 3). Na capa de um folheto publicado pela IMES que comemorava o centenário das missões americanas em 1919, havia uma homenagem a vinte e quatro missionários. Entre eles estava Martha Watts, reconhecida entre os pioneiros que foram “para todo o mundo pregar o evangelho” (Centenary Commission, 1919, capa). Segundo Zuleica Mesquita (2001), Watts chegou, inclusive, a declinar o convite de Prudente de Moraes, então governador de São Paulo, para estruturar algumas reformas educacionais no estado.

As atividades da IMES no Brasil, apesar dos variados cenários culturais, sociais e religiosos das localidades onde pregavam os missionários, estavam alinhadas à estrutura burocrática de comandos da organização missionária, de sorte que tal disciplina

organizativa prescrevia protocolos válidos onde quer que os missionários e missionárias estivessem (SCOTT, 2016). Por sinal, toda a atividade desenvolvida em campo estava condicionada ao crivo da administração americana, fato também reconhecido no final dos anos 1890 por Leonora Smith, quando afirmava que a “colocação das missionárias no estrangeiro, tanto como na patria, cabia ás senhoras da ‘Board of Missions’ em Nashville, Tennessee” (MERIWETHER, s/d, p. 4).

Sob esse espírito de hierarquia, as informações circulavam dentro do mundo expandido da organização missionária, especialmente por meio da correspondência entre missionários – desde os confins onde trabalhavam – e a matriz das missões nos Estados Unidos. Ainda que as cidades e as tarefas variassem, assim como as questões a resolver, o destino preferencial da comunicação de missionárias como Martha Watts e Leonora Smith era a sede das missões. Da consulta para o encaminhamento de demandas à solicitação de recursos e da prestação de contas (financeira, inclusive), ao informe sobre o avanço ou atraso dos trabalhos nos campos de pregação, os missionários e as missionárias mantinham contato frequente com os superiores e camaradas da organização. Watts agradecia, em 1884, às senhoras da Conferência de Louisville “pelo magnífico presente [a mobília] para a escola” em Piracicaba (MESQUITA, 2001, p. 66), ao passo que em 1902, escrevendo de Juiz de Fora, relatava o esforço “para fazer progresso e equilibrar as despesas” da missão naquela localidade (MESQUITA, 2001, p. 134). Era esperado (e exigido), de quem atuava nas missões, saber planejar e conhecer algo de contabilidade, pois estes, entre outros, eram saberes e técnicas fundamentais sem as quais seria difícil promover passos “calculados para fazer o trabalho prosseguir de maneira mais fácil e proveitosa”, como lembrou Watts na citada carta de 1902 (MESQUITA, 2001, p. 135).

A organização prescrita pelo estatuto da SMEM engendrava o mecanismo burocrático com o qual a circulação internacional missionária foi construída, interligando a sede americana com as regiões de fronteira das missões. Seu artigo segundo afirmava que o objetivo da Sociedade era enviar o “evangelho a mulheres e crianças para terras estrangeiras” por meio “da ação de missionárias, professores, médicos e leitores da Bíblia” (Seventeenth..., 1895, p. 120). O artigo sexto deixava claro que cabia ao Conselho Diretivo se reunir “anualmente para determinar que áreas” deveriam ser “ocupadas, o número de pessoas a serem empregadas em cada uma e estimar e apropriar o montante necessário para o apoio das missões sob sua responsabilidade” (Seventeenth..., 1895, p. 120). Além disso, “toda escola ou hospital estabelecidos pela Diretoria enviará relatórios (como são feitos à Diretoria da Mulher) para as Conferências Distritais e Anuais dentro de cujos limites essa escola ou hospital podem estar situados” (Seventeenth..., 1895, p.

127). Nesse sentido, a organização missionária desempenhava “o papel de uma rede social migratória, dada a estrutura interligada da igreja e a mobilidade de seus ministros e membros” (SCOTT, 2016, p. 466) e criava a percepção de que “nenhuma classe de pessoas é mais dependente do serviço de correio que os missionários estrangeiros” (The Missionary Voice, nov. 1911, p. 2).

Sob o propósito de racionalizar os processos de comunicação e difusão de informações, a IMES estabeleceu uma casa de impressão em Nashville (Tennessee), a mesma cidade que sediava a direção do Conselho Missionário (SLEDGE, 2005). David William Scott (2016) sugere que essa decisão foi responsável por criar uma espécie de conglomerado de mídia (*media conglomerate*), na medida em que a Igreja se preocupava “tanto com a produção de conteúdo quanto com sua distribuição” (SCOTT, 2016, p. 265). Jornais, panfletos, relatórios, livros e vários outros tipos de publicações repercutiam reflexões, interpretações de trechos bíblicos, disciplinas, direcionamentos para as escolas dominicais e muitos relatórios e cartas enviadas pelas missionárias em campo. Desse modo, as publicações produzidas no Tennessee alcançavam as fronteiras globais para onde afluíam os impressos metodistas estadunidenses, dinamizando o empenho contínuo com as estruturas de comunicação e circulação. Tanto a matriz quanto as missões estavam conectadas, por um lado, por essa rede mundial de comunicação com sede no Tennessee e, por outro, por uma teologia missionária que universalizava a possibilidade de salvação.

Com o apogeu das proporções mundiais atingidas pelo missionarismo, os metodistas estadunidenses assimilaram a forma das exposições como demonstração de sua relevância internacional. Entre 20 de junho e 13 de julho de 1919, milhares de pessoas foram atraídas para Columbus (Ohio) pela Feira Mundial Metodista organizada para celebrar o primeiro centenário das missões americanas. A exposição contou com recriações de batalhas da Grande Guerra, sermões pregados a partir de dirigíveis a centenas de metros acima do chão, roda gigante e filmes religiosos mudos exibidos na maior tela de projeção construída nos Estados Unidos até então. Além disso, um coliseu com capacidade para oito mil espectadores recebeu a peça intitulada *The Wayfarer*, que foi representada por mais de mil artistas, uma centena de músicos da Orquestra Sinfônica de Cincinnati e um coral com mais de mil vozes. O famoso diretor de cinema David Llewelyn Wark Griffith, oriundo de uma família metodista e reconhecido por *The Birth of a Nation*, esteve presente e filmou algumas cenas do evento. Outras personalidades que compareceram foram Willian Howard Taft (27º presidente dos Estados Unidos), Josephus Daniels (secretário da marinha americana), William McAdoo (secretário do tesouro americano), Albert Cushing Read (piloto do primeiro voo

transatlântico registrado) e o Sargento Alvin Cullum York (herói militar condecorado da Primeira Grande Guerra, popularmente conhecido nos EUA como “Sargento York”). O presidente Woodrow Wilson não pôde comparecer em função das negociações em curso no pós-guerra na neófito Liga das Nações.

Dos vários entretenimentos disponíveis aos visitantes durante os vinte e quatro dias de evento, chamavam a atenção os pavilhões destinados à exibição das atividades missionárias, reunindo itens de diversas regiões do planeta (ANDERSON, 2012). Os metodistas acreditavam “fortemente na importância da educação como estratégia missionária” (SCOTT, 2010, p. 181), por isso, o destaque desse tema nos pavilhões que abrigavam as exposições na Feira Mundial de Columbus em Ohio. A associação entre a educação metodista e as Exposições Universais não era novidade no início do século XX. Segundo Homer L. Calvin (1976), desde a Exposição Universal da Filadélfia, em 1876, os metodistas já debatiam o tema com o objetivo de moralizar a nação e tornar públicas suas ações. David William Scott (2010) sugere que, a educação, como ferramenta de cristianização, tornou-se uma marca metodista ao longo do século XIX, entendendo que a relação entre missão e educação constituía parte fundamental da própria teologia wesleyana. Um dos diversos painéis expostos no saguão do Departamento de Educação Missionária em Ohio deixava explícito que seu objetivo era “ajudar a tornar as pessoas cristãs através de um crescente entendimento de Deus” para favorecer “a chegada de um mundo cristão” (Board of Missions..., 1910-1920’s). No pavilhão da exibição do Leste asiático, destacou-se a participação de crianças japonesas que ajudavam a expor o trabalho que as escolas metodistas realizavam naquela região (ANDERSON, 2012).

A Feira Mundial em Columbus convidava o público a ver “em primeira mão a exposição dos métodos e resultados missionários” (The Missionary Voice, maio 1919, p. 159). Entre os principais métodos, estava o projeto educacional. Estratégia e organização eram engrenagens fundamentais de uma projeção missionária que celebrava seu alcance internacional em 1919: “a organização é sistemática; é simétrica; é linda. E com toda a sua bela rede de máquinas, a administração custa ao Conselho uma média de menos de sete por cento das contribuições” (The Missionary Voice, jan. 1920, p. 28). A escala internacional do que era exibido conferia complexidade à rede missionária, de sorte que, quanto maior sua inserção no extenso panorama de produção e circulação de mercadorias, maior a teia de conexões globais. Ganhava força a ideia de que a internacionalização metodista deveria ser encarada como produto do conhecimento técnico-científico, cujo objetivo era a salvação de todos os povos. Progresso universal, cristianismo e educação caminhavam, nesse sentido, de mãos dadas e eram exibidos em Columbus como resultado concreto do sucesso da expansão missionária, edificada como

uma “bela rede de máquinas” lubrificadas pela moral cristã. A associação entre fé e tecnologia permitiu aos metodistas construir, na Feira Mundial, a imagem de uma instituição que assimilava os valores da modernidade, a partir da organização e da racionalização das condutas e do trabalho, contando com os suportes da nascente cultura do espetáculo capitalista das feiras e exposições internacionais (HARDMAN, 2005).

O local e o global em conexão na organização missionária

Pelo fato de “possuir propriedades e outros ativos, empregar pessoas, produzir e vender bens e serviços” e, sobretudo, executar “pelo menos uma dessas tarefas em mais de um país”, a organização missionária internacional operava de modo semelhante aos esquemas do capitalismo e das empresas da segunda metade do século XIX (SCOTT, 2016, p. 159). A paulatina organização metodista, naquele contexto, visava administrar a igreja “sob uma base racional e comercial”, desonerando a estrutura “missionária de alguns de seus principais embaraços” e contribuindo “para um progresso seguro e ordenado” (*The Missionary Voice*, jan. 1911, p. 47). A organização sustentada por uma “administração científica” era aplicada, por exemplo, ao processo de preparação das religiosas para as missões da SMEM. As futuras trabalhadoras deveriam frequentar um curso de formação, em geral na *Scarritt Bible and Training School* no Kansas (Missouri), que promovia a instrução prática no estudo da Bíblia, bem como ensinava às aprendizes os seus métodos de ensino, de treinamento prático no trabalho missionário e, bastante importante, propiciava a elas formação contábil para a administração dos recursos em campo. Afinal, entende-se que os “métodos de negócios são essenciais para o sucesso e quanto mais esse fato é plenamente realizado, mais as Sociedades tornam fortes os fundamentos de toda a estrutura do Conselho da Mulher” (*Nineteenth...*, 1897, p. 85).

Racionalizar o uso de recursos, planejar ações e resolver dificuldades eram capacidades associadas a um bom missionário e, por sua vez, representavam atributos cultivados pela organização desde a formação de seus quadros até o trabalho em campo. Nesses termos, fundar e/ou estruturar as escolas e fazê-las funcionar era um desafio típico a demandar elásticas habilidades administrativas, como fora necessário a Watts, em 1896, quando informou, por meio de anúncios nos jornais locais, que as missionárias responsáveis pela escola em Petrópolis “estavam contratando um professor e procurando funcionários competentes” (MESQUITA, 2001, p. 109), aproveitando a oportunidade do relatório para pedir aos superiores nos Estados Unidos que, em função das férias de uma das missionárias, enviassem substitutas para que o trabalho não

sofresse com a sua falta. À semelhança do expediente usado por inúmeros missionários metodistas distribuídos pelo mundo, Watts produzia relatórios tanto para apelar ao apoio (fosse material, moral ou no intuito de conseguir respaldo dos superiores) quanto para impressionar os leitores e pares da igreja acerca da variada sorte de questões a resolver na frente missionária, tal como consta nas cartas que enviou anos a fio, nas quais a missionária estadunidense transferia para os relatos selecionados demonstrações de adequada aplicação de habilidades administrativas no trabalho em campo.

Esse *modus faciendi* fora também aproveitado por Leonora Smith, sobretudo no contexto da fundação e início das atividades do Colégio Metodista em Ribeirão Preto. No final da década de 1890, a missionária recebeu o convite de alguns membros influentes da Igreja a fim de conseguirem autorização para criar um colégio na cidade. Após as primeiras articulações em 1898, o Bispo Eugene Hendrix respondeu negativamente pois, segundo Smith, “as senhoras em Nashville não lhe tinham dado ordem para tal empreendimento, e por enquanto seria impossível; que elle, sem o consentimento dellas, absolutamente não podia abrir trabalho para ellas sustentarem” (MERIWETHER, s/d, p. 4). Mesmo sem a autorização americana, alguns clérigos metodistas insistiram na empreitada, ganhando uma “licença” após a visita *in loco* do bispo Hendrix. Smith relata que “não havendo fundos para pagar aluguel” de uma casa para as atividades do colégio, havia aceitado o favor feito pelo “pastor – o reverendo Jovelino Camargo – e as irmãs da igreja, franqueando-me o uso deste edificio até puder arranjar outro salão” (MERIWETHER, s/d, p. 8). Enfrentando a falta de materiais pedagógicos e dificuldades financeiras, o mais grave, segundo a missionária, era que “embora os Catholicos desejassem ter para as suas creanças uma escola modelada pelo systema de ensino americano, não as mandariam para uma igreja protestante” (MERIWETHER, s/d, p. 11). Dessa forma, o desafio administrativo residia no fato de que os poucos recursos angariados pelos religiosos deveriam ser suficientes para o aluguel de uma casa, bem como a manutenção das atividades educacionais, até que o Conselho americano reconhecesse o colégio e passasse a enviar ajuda financeira. O estatuto da SMEM dizia que as missionárias não deveriam “envolver a Sociedade em nenhuma despesa cuja estimativa não tenha sido submetida e aprovada pelo Conselho em sessões anuais” (Seventeenth..., 1895, p. 127). Esse *ethos* empresarial no seio de uma organização religiosa fez com que o Colégio Metodista de Ribeirão Preto mudasse de endereço “quatro vezes dentro do primeiro ano” (MERIWETHER, s/d, p. 24) para tentar manter, de um lado, o saldo positivo no balanço financeiro da instituição, e, de outro, uma mínima estrutura que viabilizasse as atividades pedagógicas.

Entrementes o enfrentamento dos problemas de seus primeiros anos de afirmação local, em pouco mais de uma década de existência, o colégio já passava de duas centenas de alunos (ALMEIDA, 2003), fato que motivou as missionárias Smith e Emma Christine – uma das principais artífices do novo plano – a projetarem algo mais ambicioso: a construção de um prédio próprio para a escola. Emma Christine, natural do Missouri, era formada pela *Normal School* de Saint Louis e veio ao Brasil em 1903 por designação da organização feminina da IMES. Em vista da prosperidade econômica de Ribeirão Preto na década de 1910 – onde surgia um arremedo de classe média, senão pequena burguesia cidadina, adjacente social e economicamente aos ricos cafeicultores (DOIN et al, 2007) – ela entendeu que a obra escolar metodista local precisava passar a outro estágio, como consta de uma carta publicada no quarto relatório anual do Conselho Missionário da Mulher em 1914, na qual ela pergunta: “construir ou não construir – eis a questão” (CHRISTINE, abr. 1913, p. 289). A indução a uma resposta positiva à pergunta retórica ganhou força por conta das tensões com o clube italiano, que alugava a casa na Rua General Osório, no centro da cidade, onde a escola funcionava na época. Além de demandar o pagamento de aluguel, nenhuma casa construída na região central de Ribeirão Preto satisfazia completamente as exigências pedagógicas das missionárias americanas. A resposta afirmativa para a pergunta de fundo shakespeariano era justificada, segundo as metodistas, pelo fato de o Brasil ter aderido a “uma forma de romanismo paganizado”, de sorte que havia a percepção de que as missões e as escolas eram elementos propulsores para o “despertar da consciência moral” (Fourth..., 1914, p. 197). Em 1912, um relatório enviado pela missionária Eunice F. Andrews, então diretora do Colégio Metodista, sugere a necessidade de afirmação da educação protestante sobre o ensino público e católico. Explicitar o interior de São Paulo como palco de disputa religiosa foi o argumento escolhido para convencer os setores dirigentes da IMES sobre a necessidade de construção de um prédio próprio para a escola em Ribeirão Preto:

Que chegue logo o dia em que poderemos ter um grande edifício naquele solo! O que Deus colocaria no coração de alguém para construir um grande colégio feminino nesta cidade, a metrópole da parte oeste do Estado de São Paulo, um colégio dedicado à educação cristã das jovens mulheres brasileiras! O dia está próximo, quando devemos fazer um bom trabalho, quando precisamos ter escolas preparadas para o bem ou ficar atrás das escolas do governo. Uma escola ensinada por freiras católicas deve ser aberta aqui em fevereiro. Quanto isso vai nos ferir eu não sei. (Second..., 1912, p. 317).

A questão não ficou sem resposta, pois, mobilizando esforços em favor da construção, em visita ao Brasil, Isabel Harris Bennett (então presidente da organização

missionária feminina da IMES) e Maria Layng Gibson (diretora da *Scarritt Bible and Training School*) relataram:

Quando chegamos a Ribeirão Preto, a situação era crítica e exigia ação imediata. Duzentos e doze crianças estavam colocadas em um prédio antigo totalmente inadequado para uma escola, e seus proprietários haviam informado que deviam deixar o local até 1º de janeiro. Não havia outro prédio na cidade para ser alugado, e sentimos que o caso justificava a ação, que foi defendida pelo bispo Lambuth. Nós deixamos o contrato e o prédio deve ser concluído em junho por US \$ 40.000 (Fourth..., 1914, p. 199).

O citado “bispo Lambuth” é Walter Russell Lambuth (1854-1921), um quadro importante entre os metodistas, cuja família contou com cinco gerações envolvidas nas atividades missionárias. Ele nasceu em Shangai e retornou aos Estados Unidos para estudos, obtendo títulos de teologia e medicina. Depois de concluída sua formação, ao voltar para o campo de trabalho, abriu uma escola patrocinada pelos americanos para ensinar inglês e cristianismo a chineses e desenvolveu várias atividades vinculadas à medicina – por vezes sob os auspícios da família Rockefeller. Além disso, editou o jornal *Methodist Review of Missions*, participou da Conferência Mundial de Missões em Edimburgo em 1910, promoveu a chegada do metodismo ao Japão e a Cuba, visitou a Polônia, a Bélgica e a Tchecoslováquia durante a Primeira Guerra Mundial e foi bispo da Igreja na África e no Brasil. Lambuth tornou-se, ainda, membro da *Royal Geographical Society* de Londres em função do grande volume de informações recolhidas por ele sobre o Congo Belga durante suas viagens missionárias na África (CRAM, 1940; ROBERT, 1998).

Lambuth participou da reunião que deu o aval para a construção do prédio próprio para o colégio em Ribeirão Preto inaugurado em 1914. Com um número promissor de alunos numa cidade da zona cafeeira revolvida pelo avanço da franja pioneira, o apoio de Lambuth parecia natural se considerarmos que o campo era conhecido por ele desde 1905, quando percorreu as missões no interior paulista, como consta no relatório de Leonora Dixon Smith sobre a “maravilhosa visita do Dr. Lambuth” a Ribeirão Preto (SMITH, 1905, p. 17).

Nem bem o prédio acabara de ser edificado, e ele se integrou ao aparato missionário a ponto de sediar a 31ª sessão da Conferência Anual Brasileira, em 12 de agosto de 1916. Mais uma vez, dando provas da vinculação de cada parte ao todo da obra missionária mundial, uma das resoluções da Conferência foi “mandar para a Missão na África o fundo das Missões Estrangeiras e a colecta especial do aniversario missionário” (KENNEDY, 1928, p. 152). Com essa decisão, o trabalho missionário

desenvolvido no Brasil contribuía financeiramente para o desenvolvimento das atividades metodistas no continente africano, revelando que a própria expansão do cristianismo protestante em nível internacional foi dinamizada, em alguma medida, devido às articulações entre os diferentes pontos locais da rede de missões mundialmente distribuída, a exemplo do interior de São Paulo, em campanha financeira para gerar fundos para missões na África. Esse processo revela “a interface entre o nível local e regional (que podemos chamar de nível ‘micro’) e o nível supra-regional, às vezes até global (o que podemos chamar de ‘nível macro’)” (SUBRAHMANYAM, 1997, p. 745), o que levava à inserção da experiência missionária no interior do Brasil no circuito das redes internacionais do século XIX e início do XX (BAYLY, 2004; OSTERHAMMEL, 2010), mobilizando, assim, experiências (no caso, pedagógicas e culturais), fronteiras e mediadores culturais.

Moralização e educação escolar

O sistema moral protestante constituía a pedra de toque da educação metodista. A moralidade e a religião eram concebidas como uma forma de normatividade social, na medida em que fundamentavam um complexo sistema de valores que deveriam ser rotinizados pela população com vistas, segundo os metodistas, a sua salvação. Essa preocupação da moralidade metodista, aliás, também estava integrada a um conjunto mais amplo de práticas de educação das condutas sociais e dos corpos, tendo em vista preceitos higienistas, o valor moral das estruturas da família, a representação individual na esfera pública e as próprias promessas de esclarecimento e ordem do ideário republicano no período (ALMEIDA, 2003). No caso do metodismo, tanto o púlpito quanto a escola alternavam o papel de espaços de difusão do proselitismo e, ainda mais, de modelos de conduta e moralidade espelhados nas escrituras, conforme o entendimento da teologia metodista. Na lógica das missões metodistas, a escola abrigaria parte substantiva da obra de pregação – incrustada desde o currículo escolar e engendrada por ele em todo e qualquer colégio metodista – e, com isso, abriria caminhos para o credo protestante escoar até a sociedade local pela via da conquista dos corações e mentes das crianças e, entretantes, das famílias.³

O princípio de onde partia essa estratégia de abrir caminhos pela escola era originário da convicção de que os metodistas tinham a incumbência de salvação dos povos. Nos Anais da Terceira Conferência Metodista Ecumênica de 1901, por exemplo,

³ A respeito da relação entre metodismo e educação, recomendamos o balanço historiográfico realizado por Elias Boaventura (2001).

Hugh Clarence Tucker, terceiro missionário enviado pela IMES ao Brasil, explicitava que o metodismo era “uma força educadora no mundo” (TUCKER et al, 1901, p. 85). Escolarizar, converter e moralizar eram propósitos cristalinos e constantemente levados a efeito, tal era a força dessa ideia entre os metodistas, especialmente entre os missionários em campo.⁴ Para Leonora Smith, essa era a grande tarefa do colégio de Ribeirão Preto, pois

Os futuros anos provaram que o Collegio Methodista estava estabelecido em base firme. Até quando continuará a influenciar na formação de caracteres nobres uteis, só Deus sabe. Espero encontrar nos céus uma multidão de pessoas salvas pelas beneficinas influencias que radiaram desta instituição, não só do meu tempo, mas nos annos que seguiram e que ainda hão de vir (MERIWETHER, s/d, p. 26).

Revelando o propósito de articular a rede missionária à moralização social, Leonora Smith assinalava que a moralidade de Ribeirão Preto estava “em um nível muito baixo” (SMITH, 1900, p. 2), de forma que era função da escola proporcionar “a oportunidade de conhecer a Verdade” (SMITH, 1902, p. 6), na medida em que os “alunos desenvolvam-se com fortes caracteres cristãos” (SMITH, 1905, p. 19). A missionária Willie Bowman, reportando também sobre Ribeirão Preto, sintetizava: “é através das crianças que queremos alcançar seus pais” (BOWMAN, 1904, p. 11). Na mesma direção de suas colegas, dessa feita tratando sobre Birigui, já avançando pela década de 1920, Lelia F. Epps afirmara que o colégio naquela cidade era a “única escola em todo maravilhoso noroeste que oferece educação cristã a centenas e milhares de pequenas mentes e corações famintos” (EPPS, 1924, p. 26).

Martha Watts tinha certeza da validade da conjugação entre escola e moralização ao modo metodista, pois entendia que, onde existisse uma igreja, deveria haver “uma escola paroquial, cuja diretora se tornaria parte da vida das alunas e suas famílias e da igreja” (MESQUITA, 2001, p. 136). Desde os primeiros anos de sua chegada ao Brasil, Watts sustentava essa posição, a começar pelos anos de sua presença em Piracicaba, entre 1881 e 1895, onde refundara o colégio metodista local a partir do qual, devido à “integridade transmitida” aos alunos, o trabalho escolar, segundo ela, alcançara “além de nossas paredes” (MESQUITA, 2001, p. 71). Semelhante efeito repercutiu em Petrópolis, onde ela também atuou, quando o noticiário da *Gazeta de Petrópolis* aconselhava “aos paes de familia que não hesitem em entregar a educação de suas filhas aos cuidados” da

⁴ Vasni de Almeida (1997) articula a tríade converter, ensinar e conformar para sugerir, *grosso modo*, que a pedagogia metodista atendia, em larga medida, aos ideais da sociedade ribeirão-pretana na Primeira República.

“profecta educadora, Miss Watts”, pois entre as atividades de sala de aula estava a “dicção de frases de Jesus, incitando á pratica do bem e do trabalho” (1898, p. 2).

No mesmo sentido, um artigo publicado na edição de setembro de 1887 do *Woman’s Missionary Advocate* comparava o Brasil e a China como campos de missão. O Brasil era reconhecido pela “civilização e inteligência superior” (MISS R., 1887, p. 4) em função da presença do cristianismo, a despeito da chamada “idolatria católica”. Conforme o artigo, a educação da juventude sustentaria a estratégia de moralização social, bem como a propagação do credo protestante e, no limite, a salvação do Brasil:

Os chineses estão emigrando para o Brasil e para preveni-los de cair de uma idolatria a outra, cuja calamidade é iminente, vocês precisam evangelizar o Brasil. Como é somente por meio do evangelho que vocês podem prevenir esse resultado fatal, e como somente por meio de escolas vocês podem atingir a juventude, e pela juventude seus pais, nos permitam enviar mais trabalhadores e estabelecer mais escolas (MISS R., 1887, p. 4).

O interior de São Paulo foi palco de intensas conexões e circulação de repertórios culturais em nível transnacional. A “lista de livros desejados em Ribeirão Preto”, enviada pela missionária Ada Parker e publicada na edição de junho de 1910 do *Woman’s Missionary Advocate*, revela que exemplares como o *Good Bible Dictionay* e os *Commentaries on the Bible* (PARKER, 1910, p. 551) faziam parte dos intercâmbios. A particularidade desses espaços urbanos, como Ribeirão Preto, foi construída, portanto, tendo em vista seu acesso ao circuito global de difusão de ideias e impressos.

Uma investigação na biblioteca do Instituto Metodista de Educação em Ribeirão Preto permitiu encontrar alguns desses livros com circulação internacional que, sobrevivendo ao tempo, revelam alguns conteúdos pedagógicos e morais que fundamentavam a atuação missionária internacional em seu projeto de moralização social e salvação. A circulação desse vasto repertório moral, aliás, era condizente com a própria produção didática nacional desde meados do século XIX, baseada em traduções, seletas e compilações, difundindo preceitos da educação moral *pari passu* aos esforços de construção da sociedade nacional a partir da difusão de um substrato cultural alicerçado no ordenamento das condutas (NARITA, 2017a). No caso metodista, em função da própria institucionalidade e das operações em rede, o intercâmbio de materiais era central para a difusão da moral escolar. O *Tarbell’s teachers guide to the international Sunday-school lessons for 1919*, por exemplo, possui na seção introdutória, chamada “Sugestões para os professores”, um tópico com orientações sobre “métodos educacionais”. Martha Tarbell argumenta que “homens e mulheres de negócio ou profissionais falham quando não acompanham novas descobertas e métodos, e nós

vemos que o mesmo é verdadeiro para os professores das escolas dominicais” (TARBELL, 1918, p. 19). Destaca-se a referência a um professor de uma escola dominical do oeste chinês: “o caráter do trabalho que nós desejamos fazer nas escolas chinesas é muito semelhante ao dedicado nas escolas dominicais na América, a instrução dos jovens e a formação do caráter cristão” (TARBELL, 1918, p. 19). A metodologia pedagógica também está presente em *The principles of religious teaching*: no prefácio, afirma-se que a “pedagogia religiosa é um dos ramos mais novos da ciência da educação” (BARCLEY, 1920, p. 5). Além das questões metodológicas, o aspecto moral é igualmente destacado, na medida em que o autor argumenta que “nada conta mais para ensinar do que o caráter”, isto é, os “ideais morais e espirituais” do professor, pois “personalidade pesa mais do que palavras” (BARCLEY, 1920, p. 9).

Em um relatório enviado de Ribeirão Preto, Eunice F. Andrew descreve que os “exames bíblicos revelaram um conhecimento da verdade e confiamos que a semente assim plantada pode dar frutos abundantes. O estudo da Bíblia ocupa um lugar tão importante em nosso ensino que sua relevância não pode ser confundida pelo estudante” (First..., 1911, p. 369). A mesma missionária enviou para a edição de outubro de 1910 do *Woman’s Missionary Advocate* algumas fotos do trabalho educacional no colégio, mostrando os pupilos em atividades físicas e aulas de costura e bordado. Uma das fotos revela os alunos estudando a história do Antigo Testamento, atividade que tinha como suporte didático o livro *Tarbell’s teachers guide to the international Sunday-school lessons for 1913*, no qual há 48 lições sobre o tema. Todas elas possuem referências diretas à escritura, glossário, exemplos históricos e arqueológicos, gravuras, atividades direcionadas para diferentes idades e uma profunda normatização de conduta social na seção “os significados da lição para nós”. Um exemplo pode ser visto na terceira lição do segundo bimestre, intitulada “O encontro de Esaú e Jacó”, importante por ser considerada “um estudo no desenvolvimento do caráter” (TARBELL, 1912, p. 169).

Você não sentiu que certas coisas muito queridas e amadas devem ser abandonadas, mesmo que isso deva custar sangue? Você não sentiu que deveria ceder todo o seu ser para Deus, mas tem havido uma revolta rebelde da vontade própria dentro de você, como se fosse impossível fazer a entrega? Cada um de nós é dotado com um maravilhoso poder de manter a si mesmo contra Deus; e Ele sabe, tristemente, que não pode prevalecer contra nós sem utilizar medidas severas as quais não darão outra alternativa, a não ser ceder. (...) Qual é o problema com nossa vida familiar? Indelicadeza. Qual é a ruína da vida empresarial? Indelicadeza. Qual é a vergonha central da nossa vida social? Indelicadeza. (TARBELL, 1912, p. 169).

O fato mostra que várias atividades pedagógicas utilizavam recursos religiosos, de modo que, apesar de muitos alunos não frequentarem a Igreja, as professoras

americanas acreditavam que suas vidas eram “influenciadas pelo que aprenderam” (MESQUITA, 2001, p. 86). O programa de estudos em Ribeirão Preto, segundo Leonora Smith, contemplava “comédias e diálogos curtos, poesias, marcha com exercícios gymnasticos, canticos, incluindo hymnos sagrados” (MERIWETHER, s/d, p. 21). Alguns desses hinos fazem parte das propostas didáticas contidas em *God working through mankind*, livro da coleção “Textos para educação religiosa” – igualmente pertencente à biblioteca do Instituto Metodista de Educação. No prefácio para os professores, o material informa que o “tempo para o real começo das emoções altruístas e religiosas” é o momento quando “as crianças se aproximam da adolescência” (STILZ, 1928, p. 3), de modo que as lições escolhidas deveriam “fazer muito para desenvolver o caráter cristão do menino ou menina” (STILZ, 1928, p. 4). No prefácio para os alunos há a indicação de que eles deveriam “viver vidas boas, honestas e corretas, amar a Deus e tentar a cada dia agradá-lo” (STILZ, 1928, p. 5). A lição intitulada “Davi conquista Golias”, por exemplo, tem como objetivo “mostrar para a criança que Deus nos dá força para tarefas que parecem impossíveis, se eles são para Sua honra e glória” (STILZ, 1928, p. 11). O “trabalho de memória” exigia que a criança decorasse “os livros do pentateuco e livros históricos” (STILZ, 1928, p. 11). Em coerência com o objetivo, o hino sugerido para cântico dizia no refrão: “Todos saudam nosso glorioso Salvador!/ Nós marchamos onde tu pisaste,/ Para buscar tua casa de triunfo,/ A cidade do nosso Deus”. Como “tarefa de classe” os alunos deveriam copiar o verso de Paulo “tudo posso naquele que me fortalece”, seguindo pela indicação: “se você sempre lembrar esse verso e orar para Cristo te fortalecer, você também será capaz de fazer coisas úteis” (STILZ, 1928, p. 13).

Considerações finais

A instauração e o desenvolvimento das atividades educacionais metodistas em São Paulo foram forjados em meio a contradições, contingências, discontinuidades administrativas e uma série de relações locais e regionais a partir da inserção missionária em sociedades específicas. Essas perspectivas devem ser igualmente consideradas a fim de mitigar a possível impressão de que o processo teria se dado de forma linear e sem conflitos. Entretanto, a proposta de uma análise transnacional sugere que o desenvolvimento das práticas educacionais nos espaços urbanos do interior de São Paulo também contou com o protagonismo de uma instituição religiosa organizada em rede, na medida em que a dinâmica estava projetada, a partir dos Estados Unidos, sobre a franja pioneira no interior do Brasil.

Em vez de analisar os componentes socioculturais da educação metodista no registro da cópia (como se a atividade social ficasse reduzida ao mimetismo e as ideias fossem meramente transplantadas de um lugar a outro), enfatizamos a circulação e as conexões transnacionais a fim de evidenciar a coerência e a simultaneidade dos conteúdos educacionais no contexto de amplas transformações socioeconômicas entre o final do século XIX e início do XX. Nesse sentido, longe de enfatizar registros de uma sociedade ancorada no arcaísmo e impermeável aos circuitos transnacionais de transformação do período, destacamos a interiorização e as dinâmicas de circulação como produção de novos repertórios de socialização (ancorados na difusão da moral escolar) nos espaços urbanos emergentes no interior paulista.

A análise dos movimentos e conexões construídas pela organização religiosa permite compreender a dinamização da projeção internacional que alcançava o interior de São Paulo. Esse processo articulou conexões viabilizadas pelo aparato tecnológico da infraestrutura capitalista desenvolvida a partir do século XIX e pela teologia missionária que universalizava a possibilidade da graça. As correspondências e as comunicações metodistas em plano internacional revelam que a fundação e o desenvolvimento das atividades educacionais tornavam os colégios nódulos pelos quais e a partir dos quais circulavam os saberes religiosos e pedagógicos.

Referências

- ALMEIDA, Vasni de. *Converter, ensinar e conformar: a missão metodista em Ribeirão Preto (1896-1950)*. 164 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1997.
- ALMEIDA, Vasni de. *A educação, a ordem e a civilidade: práticas educativas do metodismo em Ribeirão Preto, Birigüi e Lins (1899-1959)*. 265 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2003.
- ALMEIDA, Vasni de. Mulheres metodistas e ensino: enfrentamentos na educação escolar. *Mnemosine (UFCC)*, Campina Grande, v. 7, n. 3, 2016.
- AMARAL, Cesar Romero Vieira; SOARES, Thais Gonsales. A presença de escolas protestantes na educação brasileira do final do século XIX. *Mnemosine (UFCC)*, Campina Grande, v. 7, n. 3, 2016.
- ANDERSON, Christopher F. *Centenary Celebration of American Methodist Missions: the 1919 World's Fair of Evangelical Americanism*. Nova York: Edwin Mellen Press, 2012.

ATKINS, James. *Help or hinder: a tract on missions*. Asheville: Asheville Printing Company, 1896.

BARCLAY, Wade Crawford. *The principles of religious teaching*. Nashville, Dallas: Va. Publishing House of the Methodist Episcopal Church (South), Smith & Lamar Agents, 1920.

BAYLY, Christopher. *The birth of the modern world (1780-1914)*. Oxford: Blackwell, 2004.

BOAVENTURA, Elias. Historiografia da História da educação Metodista no Brasil. *Revista de Educação do Cogeime*, ano X, n. 19, p. 87-118, dez. 2001. ISSN 2358-9299 Disponível em: <https://www.redemetodista.edu.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/%20view/563/510>. Acesso em: 09 jan. 2017.

BOWMAN, Willie A. Notícias das escolas do Brasil, jun. 1901. *Woman's Missionary Advocate*, jul. 1904. Arquivo do Instituto Metodista de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

CALVIN, Homer L. The Methodists and the centennial of 1876. *Methodist History*, v. 14, n. 2, p. 93-110, jan. 1976.

CATALOG.GCAH. Disponível em: <http://catalog.gcah.org/omeka/items/show/58097>. Acesso em: 3 fev. 2019.

CENTENARY COMMISSION. *Catalogue of investments in the Kingdom of God*. The Constructive program of the Missionary Centenary. Nashville: Methodist Episcopal Church (South), 1919.

CHRISTINE, Emma. Collegio Metodista, Ribeirao Preto. *The Missionary Voice*. Nashville: v. 3, n. 4, abr. 1913.

CRAM, W. G. Looking Backward Ninety-five Years. *World Outlook: board of missions of the Methodist Episcopal Church (South) Magazine*. Nashville: v. 30, n. 8, ago. 1940. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10516/3878>. Acesso em: 07 jan. 2018.

DAWSEY, John. C. et al (orgs.). *Americans: imigrantes do velho sul no Brasil*. Trad. Paulo Wisling. Piracicaba: Editora Unimep, 2005.

DICKIE, M. New work. In: *Forty-ninth Annual Report of the Board of Missions of the Methodist Episcopal Church, South*. Nashville, Tenn: Publishing House of the M. E. Church, South, 1895. p. 50-66.

DOIN, José Evaldo de Mello et al. A Belle époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, 2007.

EPPS, Lelia F. Sharing enthusiasm. *The Missionary Voice*. Nashville: v. 14, n. 9, set. 1924.

First annual report of the Woman's Missionary Council of the Methodist Episcopal Church, South for 1910-1911. Nashville, Tenn.; Dallas, Tex.; Richmond, Va. Publishing House of the Methodist Episcopal Church, South. Smith & Lamar, Agents, 1911.

FONSECA, S. C. A interiorização da assistência à infância durante a Primeira República: de São Paulo a Ribeirão Preto. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 79-108, mar. 2012.

FOURTH annual report of the Woman's Missionary Council of the Methodist Episcopal Church, South for 1913-1914. Nashville, Dallas, Richmond: Publishing House of the Methodist Episcopal Church, South. Smith & Lamar, Agents, 1914.

FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

Gazeta de Petrópolis. Petrópolis: ano VII, n. 19, p. 2, 12 fev. 1898. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/304808/2720>. Acesso em: 3 fev. 2019.

GRUZINSKI, Serge. *L'histoire, pour quoi faire?*. Paris: Fayard, 2015.

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KENNEDY, James L. *Cincoenta annos de Methodismo no Brasil*. Imprensa Methodista, 1928.

LAMBUTH, Walter R. A Living Stone in a Growing Wall. *The Missionary Voice*. Nashville: v. 2, n. 2, fev. 1912.

MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa, VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

MERIWETHER, Leonora D. S. *Carta de fundação do Collegio Methodista de Ribeirão Preto, s/d*. Arquivo do Instituto Metodista de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

MESQUITA, Zuleica (org.). *Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908*. Piracicaba: Editora da Unimep, 2001.

MISS R. Save the women, and you save Brazil, jun. 1887. *Woman's Missionary Advocate*, set. 1887. Arquivo do Instituto Metodista de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. Trad. Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Hucitec, Polis, 1984.

NARITA, Felipe Ziotti. *A educação da sociedade imperial: moral, religião e forma social na modernidade oitocentista*. Curitiba: Appris, Prismas, 2017a. (Col. Leituras de Brasil)

NARITA, Felipe Ziotti. Moral scenes from urban life: moral perceptions of modernity in imperial Brazil. *Praktyka Teoretyczna*, v. 23, n. 1, 2017b. ("Repressed histories of the 19th century" – eds. Katarzyna Czczot, Wiktor Marzec e Michał Pospiszyl)

NINETEENTH annual report of the woman's foreign missionary society of the Methodist Episcopal Church, South for 1896-1897. Nashville: Publishing House of the Methodist Episcopal Church, South. Barbee & Smith, Agents, 1897.

O Paiz. Rio de Janeiro: ano XXVI, n. 9249, p. 3, 30 jan. 1910. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pagfis=467. Acesso em: 3 fev. 2019.

OSTERHAMMEL, Jürgen. *Die Verwandlung der Welt: eine Geschichte des 19. Jahrhunderts*. Munique: C. H. Beck, 2010.

PARKER, Ada. List of books desired in Ribeirao Preto, Brazil. *Woman's Missionary Advocate*, jun. 1910. Arquivo do Instituto Metodista de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

ROBERT, Dana L. Lambuth. Walter Russell. In: *Biographical Dictionary of Christian Missions*. Nova York: Macmillan Reference USA, 1998.

SCOTT, David W. Missionary education and the Chinese in Malaysia: a case study for the symbiotic growth of the methodist movement. *Methodist History*, v. 48, n. 3, p. 179-191, abr. 2010.

SCOTT, David W. *Mission as globalization: Methodists in Southeast Asia at the turn of the twentieth century*. Boston: Lexington Books, 2016.

SECOND annual report of the Woman's Missionary Council of the Methodist Episcopal Church, South for 1911-1912. Nashville, Dallas, Richmond: Publishing House of the Methodist Episcopal Church, South. Smith & Lamar, Agents, 1912.

SEVENTEENTH annual report of the woman's foreign missionary society of the Methodist Episcopal Church, South for 1894-1895. Nashville, Dallas, Richmond:

Publishing House of the Methodist Episcopal Church, South. Smith & Lamar, Agents, 1895.

SLEDGE, Robert Watson. *“Five dollars and myself”*: the history of mission of the Methodist Episcopal Church, South, 1845-1939. Washington: General Board of Global Ministries, United Methodist Church, 2005.

SMITH, Leonora. Notícias escolares do Brasil, set. 1899. *Woman’s Missionary Advocate*, fev. 1900. Arquivo do Instituto Metodista de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

SMITH, Leonora. Notícias escolares do Brasil, set. 1899. *Woman’s Missionary Advocate*, jan. 1902. Arquivo do Instituto Metodista de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

SMITH, Leonora. Notícias escolares do Brasil, mar. 1905. *Woman’s Missionary Advocate*, jun. 1905. Arquivo do Instituto Metodista de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

STEPHENS, F. F. They Lead and Serve. *The Missionary Voice*. Nashville: v. 14, n. 11, nov. 1924.

STILZ, Eva M. *God working through mankind*. Philadelphia: The United Lutheran Publication House, 1928. (Col. Religious Education Texts).

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected histories: notes towards a reconfiguration of early modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, v. 31, n. 3, p. 735-762, 1997.

SWEET, William W. The Methodist Episcopal Church and Reconstruction. *Journal of the Illinois State Historical Society (1908-1984)*, v. 7, n. 3, p. 147-165, 1914. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40194198>. Acesso em: 02 out. 2017.

TARBELL, Martha. *Tarbell’s teachers guide to the international Sunday-school lessons for 1913*. London e Edimburgo: Fleming H. revel Company, 1912.

TARBELL, Martha. *Tarbell’s teachers guide to the international Sunday-school lessons for 1919*. London e Edimburgo: Fleming H. revel Company, 1918.

TATUM, Noreen Dunn. *A Crown of Service. A Story of Woman’s Work in The Methodist Episcopal Church, South, from 1878-1940*. Nashville: The Parthenon Press, 1960.

The Missionary Voice. Nashville: v. 1, n. 1, jan. 1911.

The Missionary Voice. Nashville: v. 1, n. 11, nov. 1911.

The Missionary Voice. Nashville: v. 9, n. 2, maio 1919.

The Missionary Voice. Nashville: v. 10, n. 1, jan. 1920.

TUCKER, Hugh Clarence et al. Speeches and Ecumenical Methodist Conference, “1901 Proceedings of the Third Ecumenical Methodist Conference”. *Conference Proceedings*. Disponível em: <https://place.asburyseminary.edu/wmcproceedings/2>. Acesso em: 3 fev. 2019.

WOMAN’S Missionary Advocate. Nashville: v. 31, n. 4, out. 1910. Arquivo do Instituto Metodista de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.